

Seqüência de crises desafia governo FH

Raimundo Valentim/AE-13/4/95

Antes de completar um ano, presidente enfrenta problemas parecidos com os dos antecessores

BRASÍLIA — Antes de completar o primeiro ano de governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso já experimentou boa parte dos problemas enfrentados por seus antecessores. Em oito meses, viu aparecerem sinais de clientelismo, suspeitas de negociatas e acusações de tráfico de influência.

Do bilionário Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) à intervenção no Banco Econômico, passando pelo caso do ex-secretário de Acompanhamento Econômico José Milton Dallari, o caminho percorrido pelo governo surpreende até os mais fiéis aliados pelo "excesso de sobressaltos".

"Isso não é bom, é ruim, é desagradável", avalia o líder do governo no Senado, Elcio Álvares (PFL-ES). "Mas é preciso lembrar que este governo tem de enfrentar um Congresso forte, além de não poder segurar coisas imprevisíveis, como o caso Dallari." (Nem tão imprevisível assim, já que o próprio ministro da Fazenda, Pedro Malan, admitiu que desde janeiro sabia que o assessor era investigado pelo fisco.)

A demissão de Dallari, na semana passada, entra nos arquivos do governo FH como a primeira provocada por acusações de improbidade. O episódio causou desgaste político maior para o governo do que as suspeitas de irregularida-



Álvares: "Não é bom, é ruim, é desagradável"

ECONÔMICO

ABALA RELAÇÃO COM PFL

des no Sivam, um ambicioso projeto militar de US\$ 1,4 bilhão que nasceu no final do governo Itamar Franco e está parado desde que se descobriu que a empresa brasileira escolhida para gerenciar o

projeto, a Esca, era fraudadora da Previdência Social.

Causaram problemas para o governo Fernando Henrique também decisões como a de usar os recursos do Fundo Social de Emergência (FSE) para pagar jantares, festas e presentes, uma prática adotada desde a gestão Itamar. Nas negociações para a aprovação das reformas no Congresso, a atuação

do governo Fernando Henrique lembrou em muitos momentos o clientelismo e o favorecimento político que marcaram a passagem do ex-presidente José Sarney pelo Palácio do Planalto.

Sinais dessa semelhança puderam ser vistos nas negociações com a bancada ruralista do Congresso, a partilha de cargos federais entre os aliados do governo, e o favorecimento de

redutos eleitorais de políticos tucanos ou afinados com o Palácio do Planalto na distribuição de verbas do Programa Comunidade Solidária.

O jogo de idas e vindas na intervenção do Banco Econômico, travado na semana passada, vai marcar uma espécie de divisor de águas da administração Fernando Henrique, dizem integrantes do próprio governo. A operação de salvamento do banco baiano — prometida na terça-feira pelo governo e negada no dia seguinte, sob o argumento de que caberia ao governo da Bahia primeiro oferecer garantias reais para a recuperação do banco — abriu uma crise, cuja extensão ainda é desconhecida, entre o Planalto e o senador Antônio Carlos Magalhães (BA), cacique do PFL.